

A Comunidade Pesqueira do Mosqueiro: entre a maré e a grande Aracaju

Shauane Itainhara Freire Nunes
Universidade Federal da Paraíba
shauanecaju@yahoo.com.br

A comunidade pesqueira do Povoado Mosqueiro na grande Aracaju, estado de Sergipe, é o recorte territorial da nossa pesquisa de mestrado: *A pesca artesanal como mediação da relação homem natureza: permanência e resistência dos pescadores nas comunidades pesqueiras do Povoado Mosqueiro/Aracaju-SE*. Com este texto pretendemos apresentar elementos que nos ajudem a desvendar os processos espaciais que estão em curso nesse território, transformando a sua configuração e a vida dos seus moradores, majoritariamente famílias de pescadores artesanais e mariscadoras.

O ponto de partida é identificar para analisar como esta comunidade pesqueira, diante de processos concomitantes - a manutenção da relação de identidade da comunidade com a natureza por meio do trabalho, a necessidade de um mercado consumidor na cidade e a constante expansão da malha urbana de Aracajú - permanecem durante décadas dando sentido e significado ao Mosqueiro enquanto um povoado de pescadores. O relato dos pescadores, principalmente os mais velhos, juntamente a observação e vivência do dia de trabalho dos mesmos, nos proporcionou refletir como a comunidade pesqueira permanece e resiste vivendo da pesca e como o Mosqueiro, na sua singularidade, faz parte da lógica da reprodução ampliada do capital que transforma as áreas estuarinas: em mercadorias a serem consumidas como paisagens-objeto, por meio da apropriação da beleza cênica da natureza e da materialidade do trabalho humano, como os usos desse espaço, possibilitando sua valorização especulativa por meio do mercado imobiliário.

As comunidades que historicamente vivem numa relação direta com o rio, o mar, o mangue e o contexto que envolve esses biomas estuarinos são constantemente pressionadas pela lógica de apropriação da natureza. Referimos-nos ao mecanismo de controle que visa à reprodução ampliada do capital através dos processos de especulação imobiliária e consumo da paisagem, além das necessidades que são postas pela sociedade do consumo. Na comunidade do Mosqueiro, homens e mulheres,

pescadores e pescadoras, marisqueiros e marisqueiras vivem da pesca - artesanal e do catado de mariscos como atividades principais para a sua permanência no local como comunidade pesqueira. A área que corresponde ao Mosqueiro (Figura 1) segundo a própria Secretaria de Planejamento, desde 1982, enquadra como uma área de expansão da cidade, por ser uma área de grandes vazios urbanos já que durante muito tempo o Mosqueiro se caracterizava apenas pela comunidade pesqueira e pela concentração de terras na forma de fazendas, chácaras e sítios de coco. O Mosqueiro se localiza em zona de interesse turístico já que está entre a praia, o estuário de rio, mangue, área de preservação ambiental, além da presença de dunas, e do fato de que grande parte do Povoado ser formado por lagoas que durante o inverno, época de chuvas, muda a paisagem.

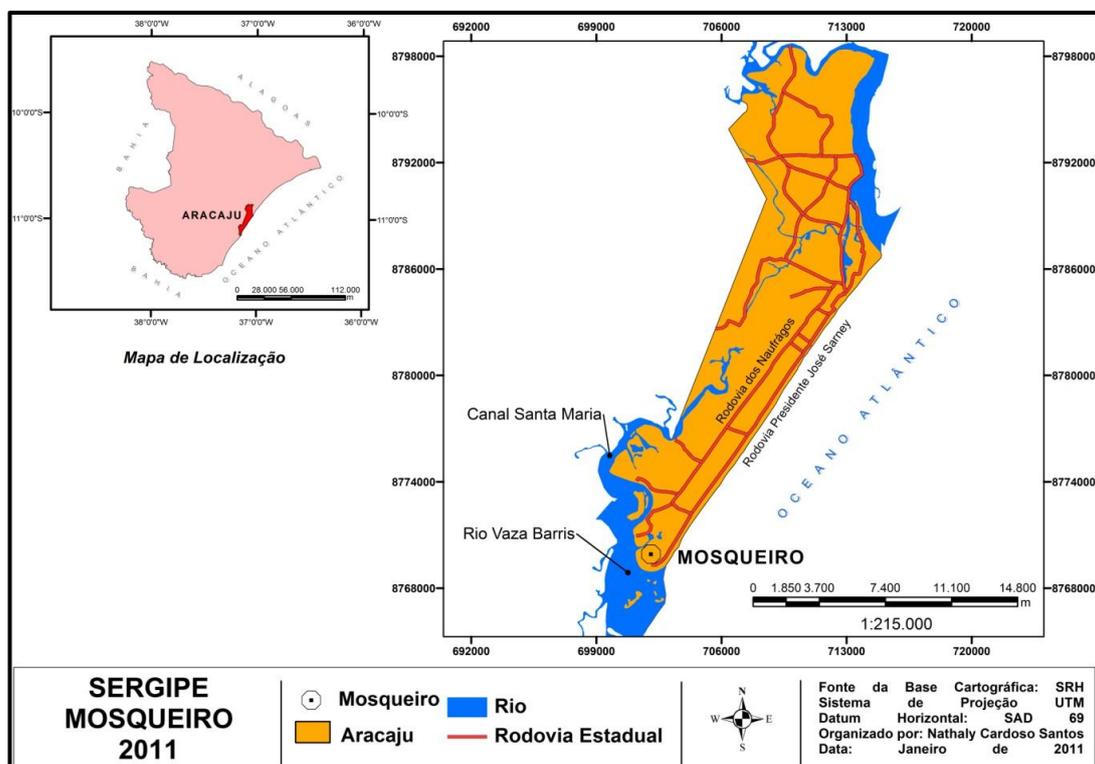


Figura1: Mapa de localização do Povoado Mosqueiro- SE.

As famílias pescadoras encontram dificuldades para resistir aos interesses das construtoras e proprietários imobiliários de condomínios residenciais, que estão sendo construídos nas imediações de Mosqueiro, sendo obrigadas a se deslocar dos locais historicamente e estrategicamente usados para a atividade pesqueira. Essa dinâmica interna faz com que as áreas privilegiadas pela beleza cênica, pela infra-estrutura e a

proximidade com o rio e seu estuário, antigamente ocupadas por pescadores, percam hoje a sua identidade e transformem radicalmente o Povoado e a sua comunidade.

Pois onde antes as famílias viviam da pesca e tinha acesso a toda extensão de margem do rio, as árvores que permitiam coletas de frutas, a espaços de terra que permitiam pequenos roçados, e mesmo a uma coletividade que se mantinham dentro da própria comunidade. Onde costumes, vida e trabalho eram compartilhados, hoje se têm um cenário diferenciando: casarões margeiam e impedem o acesso a grande parte da margem do rio Vaza- Barris. O processo de urbanização e especulação imobiliária hoje privatiza os espaços que correspondem ao Povoado Mosqueiro, o que diminui e mesmo impedem a coleta de frutas, o cultivo de roçados e de pequenos animais e o próprio acesso dos pescadores a algumas partes da margem do rio.

O urbano como processo vetorizador do capital no Povoado Mosqueiro.

A comunidade pesqueira do Mosqueiro anteriormente marcada pelo predomínio do habitat das famílias pesqueiras, onde o ritmo do tempo do habitat era produzido pelo domínio das atividades proporcionadas pelo rio Vaza Barris. Nos anos recentes, com mais intensidade a partir da década de 1990, tem tido uma perda acelerada dos usos e costumes da sua ruralidade. É preciso compreender como no Povoado vem se dando o processo de urbanização nos moldes da expansão do capital. E como este e seus processos vetorizadores, transformam e produzem o espaço do Mosqueiro, ao mesmo tempo em que pressionam e vão de encontro ao modo de vida da comunidade pesqueira.

A leitura de Lefebvre (2004) nos ajuda a refletir profundamente o processo de urbanização, quando esse, nos aponta o urbano e a cidade como central na reprodução do capital, sendo assim uma tendência da sociedade como um todo. É importante deixar claro, que apesar de entender a urbanização como um processo universalizante, Lefebvre (2004) não ignora as atividades ligadas à agricultura ou ao extrativismo como é o caso da atividade pesqueira, e aponta as discontinuidades como leitura então desses espaços que fazem parte do sistema desigual e contraditório do real sobre bases capitalistas. A cidade torna-se central nas relações de produção, à medida que as relações se invertem, e a cidade em vez do campo passa a ser o lugar da produção, de troca de mercadorias e de apropriação de mais-valia a medida que os trabalhadores

passam a trabalhar nas cidades como mão- de- obra barata de forma que as indústrias se aproximam da cidade. Mesmo as atividades ligadas ao campo representando a base da reprodução da vida como diz o autor, por ser no campo que se produz tanto os alimentos quanto a matéria- prima para a própria indústria.

A cidade para Lefebvre (2004) nesse processo de inversão das relações representa a junção da segunda natureza através dela, a própria cidade, e da natureza espontânea. A cidade que garante agora nas suas construções artificiais, os jardins, os espaços verdes. Não existiria cidades sem esses espaços artificiais que representam a natureza, e cada vez mais o movimento de expansão da cidade acompanha a destruição da natureza espontânea, assim alguns espaços são destinados a preservação, os movimentos ambientalistas da década de 90 são exemplos da luta pela garantia desses espaços verdes que se convertem na forma de áreas de preservação como resultado de lutas dos movimentos ambientalistas e a partir de políticas preservacionistas.

Para garantir esse movimento contraditório de destruição e preservação da natureza, a sociedade é envolvida na ideologia da apropriação dessa natureza “espontânea” como mercadoria a ser vista, e experimentada, vivenciada como pequenos espaços raros que ainda se preservam em seu estado natural, pois ao mesmo tempo em que se necessita expandir cidade, se destina espaços a ser preservado, o que garantiria uma política “correta”. Nessa perspectiva então se encontra áreas como a do Povoado Mosqueiro cada vez mais raras, se tornam alvo de especulação da especulação imobiliária que através de lotes, condomínios fechados de casa, e mansões a beira do rio, se apropriam dessa natureza como objeto que valoriza o espaço, que proporciona a volta à natureza, o lazer, o bom viver para uma classe restrita que poderá ter poder de barganha, de compra dessa natureza. E junto a isso o turismo, como política garantida pelo Estado, que vende a paisagem como bela, e garante também a valorização do espaço, do Povoado.

Os dois processos então que mais fortemente vetorizam o processo de urbanização no Mosqueiro, são a especulação imobiliária e o turismo. Sendo que no Povoado, o processo de urbanização e o modo de vida urbano são concomitantes com o modo de vida construído a partir da pesca- artesanal, que apesar de incorporar muitas das necessidades e facilidades impostas por esse modo de vida urbano, resistem mesmo que sem consciência, todos os dias. As relações proporcionadas e construídas na atividade

pesqueira, de vizinhança, coletividade, a relação direta com a natureza, o valor- de- uso, permitem assim a permanência da comunidade pesqueira e de seu modo de vida.

A partir do pensamento de Lefebvre (2004) seria possível pensar que comunidades pesqueiras como a do Mosqueiro, seria um campo de força contrária ao modo de vida urbana, construída através de relações impostas pela necessidade de reprodução do capital, constituindo um ponto de conflito, um campo cego dentro das teorias e práticas sociais, com desigualdades de desenvolvimento. E ai cabe aos esforços de pesquisa enxergar qual o papel desses campos cegos frente à reprodução social. Por isso se faz necessário entender o movimento da comunidade pesqueira do Mosqueiro, frente à territorialização do capital de forma tão intensa através da urbanização, e refletir como esses pescadores e marisqueiras mantêm seu modo de vida diferenciado mesmo com a pressão do modo de vida urbano imposto pelo capital. Assim como entender o papel do Estado nesse movimento, no aprofundamento dessas contradições e na produção do espaço do Povoado Mosqueiro que constitui um espaço de desigualdade e de diferentes modos de vida e formas de apropriação e reprodução da natureza e do capital.

Para Castells (2009), a ideologia do urbano é universalizante à medida que homogeneiza processos que em si são diferenciados. Nessa perspectiva homogeneizante o desenvolvimento desigual desapareceria frente à perspectiva evolucionista de desenvolvimento. É preciso dessa forma “definir elementos e formalizar suas estruturas, mas detectar as leis históricas em ação nas contradições e práticas ditas urbanas” (Castells, 2009, p. 549). Para o autor pensar e discutir a cidade implica em discutir o capital, o que não significa que a cidade seja apenas lugar de consumo, já que a mesma exprime a sociedade em suas diferentes práticas e funções. Pensar então no Povoado Mosqueiro dentro do contexto da cidade é pensar nessas diferentes práticas e funções, já que o mesmo vem sendo moldado pelos processos de urbanização mediados pelo Estado. Nesse caminho o Mosqueiro vem a se tornar mais um lugar homogêneo da cidade em suas funções de subserviência a reprodução do capital ao mesmo tempo em que, a partir da comunidade pesqueira se tem justamente uma prática social histórica diferenciada, que é o modo de vida baseado em uma atividade extrativista artesanal baseado em uma sociabilidade diferente da do capital.

Ao se falar de atividade extrativista e de um modo de vida diferenciado do posto pelo capital ou do urbano com toda a carga ideológica que este termo carrega, nos vem à

idéia de uma comunidade pesqueira ligada a ruralidade, a um modo de vida do campo, ligado a natureza. A dicotomia rural versus urbano se estabelece, por isso Castells (2009) afirma que é necessário superar essa dualidade já que para ele na fase monopolista do capital os espaços estão ligados, interpenetrados dentro de um desenvolvimento desigual necessário ao capital. Para Castells (2009) trata-se da dialética do desenvolvimento desigual e por estarem estes espaços interpenetrados não significa uma superação das contradições como o autor mesmo coloca:

Quando se fala de “urbanização do campo” (por meio do turismo em particular) ou de “ruralização das cidades” (a extensão dos subúrbios residenciais de habitações coletivas), têm-se sintomas de uma inadequação da problemática que se coloca explicitamente no interior mesmo da ideologia. Isto dito, uma tal imbricação não significa o fim das contradições sociais expressas através e pela mediações das formas espaciais, mas unicamente a não redutibilidade a uma oposição dicotômica entre as cidades e os campos como contradição principal. (Pág. 558-559.).

Na tentativa de superar essa dicotomia, é que tentamos refletir o Povoado Mosqueiro território de pesca e ao mesmo tempo território apropriado pelo capital, a partir de suas contradições. As relações sociais se concretizam no espaço, logo refletir a cidade é refletir a partir das práticas sócio-espaciais, “cidade como sentido da vida humana, em todas as suas dimensões, – de um lado, enquanto acumulação de tempos, e de outro, possibilidade sempre renovada de realização da vida.” (Fani, 2007, p.11) Possibilidade essa que para autora significa outro futuro possível, outra cidade possível, uma possibilidade que não condena a cidade aos ditames do capital e do Estado. Fani nos mostra a cidade como construção humana, portanto condicionada ao trabalho materializado e acumulado dentro das relações entre sociedade e natureza, relação essa que leva a prática sócio-espacial, de forma que não há sociedade sem a condição de produzir espaço.

Ao partilhar da leitura de Lefebvre e Castells, Fani (2007) aponta, o urbano como uma tendência da sociedade, um processo que universaliza a prática sócio-espacial, o que não significa dizer que as estruturas que não correspondem a essa tendência desapareçam. Lefebvre chama essas estruturas de descontinuidades, e Castells nos chama atenção para as diferentes práticas e funções da cidade onde o homogêneo não se

estabelece. Para Fani (2007) esses espaços de contradição e conflito podem ser lidos como persistências, o que resiste e se reafirma continuamente enquanto referencial da vida (p.21). Trazendo essas leituras para a especificidade do Mosqueiro e fazendo grosso modo uma reflexão em cima do que Fani nos aponta. O Povoado Mosqueiro, área de expansão da cidade é consequentemente alvo de políticas que garantem a expansão do processo de urbanização, e infelizmente não nos moldes de outra cidade possível como nos coloca a autora. Nesse contexto a comunidade pesqueira então representaria a persistência, pois, ela permanece, resiste e se reafirma enquanto comunidade pesqueira que vive de sua atividade extrativista artesanal. Criando identidade a partir dessa mesma atividade e um modo de vida que se estabelece a partir da pesca e vai de encontro ao modo de vida imposto pela racionalidade da sociedade urbana, determinada pelas relações sociais produzidas dentro do modo de produção capitalista. Os sujeitos sociais para Fani produzindo espaço e reproduzindo sua própria vida, o fazem num determinado tempo, portanto também é indissociável a relação espaço- tempo.

Nessa perspectiva se tem a produção da própria cidade que acumula tempos históricos, formas, modos de vida, e com a necessidade de se produzir novos espaços se tem o conflito. Já que o mundo da mercadoria impõe modelos de vida, de forma a ir de encontro às especificidades de cada lugar, que é o que acontece com a comunidade pesqueira do Mosqueiro. O modelo de desenvolvimento do Povoado pensado pelo Estado, na verdade impõe um modelo de urbanização que não respeita as especificidades da comunidade que historicamente produziu o que chamamos de Mosqueiro enquanto espaço de reprodução da atividade pesqueira artesanal. O espaço que para os pescadores e marisqueiras é espaço de vida, se torna o espaço vendido como mercadoria.

A pressão urbana e a vocação para o turismo no Povoado Mosqueiro.

O Povoado Mosqueiro enquanto território da comunidade pesqueira a qual pesquisamos, é lugar de materialização da reprodução do capital a partir da dominação do Estado que garante a valorização do espaço como mercadoria através dos processos de especulação imobiliária e turismo. O Povoado faz parte da área de expansão da

capital Aracaju, em outras palavras, área a ser vendida e consumida. O que nos põe aqui diante da necessidade de analisar como a zona de expansão vem sendo usada como área de interesse do Estado, e como a comunidade pesqueira do Mosqueiro vem sendo atingida e se transformando diante desse cenário.

Para Vilar (2010), o processo de urbanização que acompanha de forma acentuada as áreas litorâneas do Brasil, também se faz presente em Sergipe, especialmente no litoral Sul do Estado onde se situa o Povoado Mosqueiro. Esse processo segundo o autor ainda se acentua com a construção de pontes sobre rios estratégicos do Estado de Sergipe já que consiste em uma melhor malha viária que facilita transporte e deslocamento de materiais e população. No caso da Zona de Expansão a Ponte Joel Silveira, que liga o Povoado Mosqueiro ao município de Itaporanga d' Ajuda. As transformações postas por esse processo de urbanização é sentida pela comunidade, os pescadores entrevistados durante nossa pesquisa apontam as mudanças que acompanham o “progresso” e a urbanização do Mosqueiro:

Aqui mudou muito, o Mosqueiro hoje tem mais gente de fora do que aqui do lugar, o Mosqueiro hoje ta num valor medonho, aqui pra praia só tem barão, só tem rico, o Mosqueiro agora ta muito valorizado... Há uns vinte anos atrás, agente dormia aqui com a porta aberta, hoje em dia é muito difícil, eu deixo o motorzinho ali trancado, mas eu durmo assustado. (Pescador, 59 anos, residente no Povoado Mosqueiro-Aracaju/SE).

A primeira mudança aqui é essa ponte, é uma mudança muito grande, essa orla também mudou demais, mudou as vezes pra pior e as vezes pra melhor, por que os ladrões tão chegando. A paz acabou. (Pescador 63 anos, residente no Povoado Mosqueiro-Aracaju/SE).

Para compreender melhor o contexto da área onde o Povoado Mosqueiro se insere, é preciso situar a Zona de Expansão na cidade de Aracaju. Segundo Vilar (2010), Aracaju seria um pólo centralizador do Estado já que concentra serviços, além do que toda malha viária do Estado converge para a capital no que tange as suas principais rodovias e estradas. No que se refere ao modelado da cidade, o autor nos coloca as diferentes paisagens de Aracaju, composta por morros, planície litorânea, rios, estuário, mangue e vegetação, que especialmente na área de expansão apresenta alta qualidade se comparado ao resto da cidade. A Zona de Expansão se apresenta então como uma área

de ambientes frágeis já que é basicamente composta por campos de dunas, lagoas, cordões litorâneos, terraços, restingas e estuário.

O Povoado Mosqueiro situado em área de fragilidade ambiental, juntamente com outros povoados situados na Zona de Expansão, apresenta algumas contradições postas pelas políticas escolhidas para essa área. É o que Vilar (2010) nos apresenta, visto este que na direção da foz do Rio Vaza- Barris, onde a comunidade pesqueira do Mosqueiro se encontra, há um sistema de dunas mais preservado inclusive na linha de costa. Onde se deveria haver um controle de ocupação humana, é justamente onde se situam os condomínios de casa que compõem o processo de especulação imobiliária da Zona de Expansão, o autor ainda nos apresenta como vem se dando o processo de adensamento populacional de Aracaju na área de expansão onde o crescimento demográfico se encontra acima da média do resto da cidade, como consequência do aumento do número de domicílios individuais, da melhoria das vias de transporte que dão acesso à área. Se estabelece então um conflito de uso do solo já que historicamente o Povoado se caracteriza pela atividade pesqueira e pela produção de coco, além dos limites ecológicos necessários na área, onde a acentuação de processos que compõem o cenário de urbanização sem impõe através da especulação imobiliária e turismo.

Para completar o cenário de venda e consumo da paisagem através do incentivo ao turismo no Povoado, se tem a construção de uma orla que ocupa o lugar de embarque e desembarque das canoas dos pescadores como nos fala um pescador da comunidade sobre a construção da Orla Por do Sol destinada ao incentivo do turismo no Povoado:

Ali desde quando começaram a fazer essa orla tem o ponto de nós descer, o que é que eles tinham que fazer logo, fazer o porto pra o pescador descer que é o direito, chegaram cavaram, fecharam ali, aí nós pega na palavra eles foram e passaram a máquina, quando foi essa semana eles foram lá e cavaram e deixam lá. E a capitania não faz nada, essa orla não melhora nada, porque quando o rico tomar conta vai dominar aí. (Pescador 44 anos, residente no Povoado Mosqueiro-Aracaju/SE)

Este depoimento reflete a prioridade dos projetos do Estado para o Mosqueiro, que nem ao menos vem sendo discutida junto à comunidade pesqueira que historicamente faz uso do lugar e de sua natureza circundante como possibilidade de vida. O Povoado Mosqueiro, permite que o cotidiano a partir da pesca estabeleça uma relação dialética

entre o homem e a natureza, sendo então a pesca - artesanal a atividade que garante a permanência da comunidade pesqueira e do seu território. Nesse sentido a pesca - artesanal é a atividade humana que media a relação homem/natureza, ao mesmo tempo em que cria, por meio do trabalho, a identidade dos sujeitos envolvidos nessa relação. Identidade essa presente nas falas dos próprios pescadores e marisqueiras:

Eu continuo pescando de tarrafa, pescar no rio é bom, agente sente prazer. Me sinto sadio no rio. (Pescador, 61 anos, residente no Povoado Mosqueiro-Aracaju/SE).

Comecei a pescar com a idade de 13 anos, minha mãe não tinha condições de criar os filhos, ai comecei a pescar até hoje. De lá pra cá sempre vivi da pesca. Nunca trabalhei em outra coisa não, até hoje só vivo da pesca. (Pescador, 41 anos residente no Povoado Mosqueiro-Aracaju/SE).

Eu gosto de pescar é um negócio bom, as vezes o cara está com raiva em casa, pega o barco vai pescar quando chega em casa já passou. (Pescador, 44 anos, residente no Povoado Mosqueiro-Aracaju/SE).

Aqui nós todos desde o meu nascimento que já venho no meio do meu povo tudo já de pesca, tudo já no mangue (Marisqueira 76 anos, residente no Povoado Mosqueiro-Aracaju/SE).

O direito de permanência dessa comunidade e de seu espaço de pesca e de relações construídas, ao longo de décadas, a partir do cotidiano do trabalho que se faz a partir da relação homem /natureza é também objetivo dessa pesquisa. Os projetos para o Mosqueiro não devem partir somente de uma demanda turística e urbanística pautada em um modelo de desenvolvimento que gere riquezas para alguns, é preciso garantir o direito da comunidade que constitui historicamente o povoado a partir das relações de pesca.

Referências Bibliográficas:

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O espaço urbano: Novos escritos sobre a cidade.** São Paulo: Labur Edições, 2007.

CASTELLS, Manuel. **A Questão Urbana.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 4ª Ed.

LEFEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã.** Crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbarch, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. Tradução: Rubens Enderle, Nélio Schneider, Luciano Cavini Martorano. 1845-1846. São Paulo: Boitempo, 2007.

MOURA, Marcléia Elias. **O Rural na Cotidianidade do Urbano e as Contradições do Capital.** São Cristóvão: Núcleo de Pós-Graduação em Geografia/UFS, 2007. Dissertação (Mestrado).

RAMALHO, Cristiano W. Noberto. **Embarcações do Encantamento: Trabalho como Arte, Estética e Liberdade na Pesca Artesanal de Suape, PE.** Instituto de Filosofias e Ciências Humanas/UNICAMP, 2007. Tese (Doutorado).

SMITH, Neil. **Desenvolvimento desigual: natureza, capital e a produção de espaço.** Trad. Eduardo de Almeida Navarro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

VILAR, José Wellington Carvalho. **Zona de Expansão de Aracaju: Contribuição ao estudo da urbanização litorânea de Sergipe.** In: VILAR, José Wellington Carvalho e ARAÚJO, Hélio Mário. Território, Meio Ambiente e Turismo no Litoral Sergipano. São Cristóvão/Sergipe: Ed. UFS, 2010. 3, p.62-p 70.